



RODA DE CONVERSA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: A QUÍMICA DO CABELO E O EMPODERAMENTO NEGRO NO ENSINO DE QUÍMICA

Cristiane Aparecida Fernandes de Jesus¹

Jorge Cardoso Messeder²

Resumo: Este artigo traz discussões sobre um tema social e químico, o principal objetivo foi utilizar o tema “química capilar” como norteador, a fim de abordá-lo fora da academia, e com isto, levantar discussões relativas ao cotidiano e às perspectivas sociais. Realizou-se uma intervenção no evento denominado EncresKids, tendo a roda de conversa como instrumento metodológico da pesquisa. Os dados obtidos foram transcritos e analisados através da Análise Textual Discursiva (ATD). A partir dos resultados, obteve-se um texto que abordava o alisamento e química capilar, saúde e a ditadura da beleza, além de aspectos étnico-raciais abrangidos na averiguação. O trabalho desenvolvido infere que vieses adotados nesta pesquisa podem trazer resultados positivos para a sociedade, assim como, permitir que debates similares sejam proferidos em espaços não formais e dentro da sala de aula, pela comunidade acadêmica.

Palavras-chave: química capilar; roda de conversa; ensino de química; empoderamento negro.

CIRCLES OF CONVERSATION IN NON-FORMAL SPACES: HAIR CHEMISTRY AND BLACK EMPOWERMENT IN CHEMISTRY TEACHING

Abstract: This article discusses a social and chemical theme, the main objective was to use the theme "capillary chemistry" as a guideline, in order to approach it outside the academy, and with this, raise discussions about daily life and social perspectives. An intervention at the event called EncresKids was held, with the talk wheel being a methodological instrument of the research. The obtained data were transcribed and analyzed through Discursive Textual Analysis (DTA). From the results, a text was obtained that approached smoothing and hair chemistry, health and the beauty dictatorship, as well as ethnic-racial aspects covered in the investigation. The work developed shows that biases adopted in this research can bring positive results to society, as well as allowing similar debates to be delivered in non-formal spaces and within the classroom, by the academic community.

Key-words: hair chemistry; circles of conversations; chemistry teaching; black empowerment.

ROUE DE CONVERSATION DANS DES ESPACES NON-FORMELS: CHIMIE DES CHEVEUX ET HABILITATION DES NOIRS EN ENSEIGNEMENT DE LA CHIMIE

Résumé: Cet article discute d'un thème social et chimique, l'objectif principal était d'utiliser le thème "chimie capillaire" comme une ligne directrice, afin de l'aborder en dehors de l'académie, et ainsi de discuter de la vie quotidienne et des perspectives sociales. Une intervention à l'événement appelé EncresKids a eu lieu, avec la roue de parole étant un instrument méthodologique de la recherche. Les données obtenues ont été transcrites et analysées par

¹ Licenciada em Química - IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: cristianeferness@gmail.com

² Coordenador do Curso de Licenciatura em Química, Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências (PROPEC) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) E-mail: jorge.messeder@ifrj.edu.br



l'analyse textuelle discursive (DTA). À partir des résultats, un texte a été obtenu qui abordait le lissage et la chimie des cheveux, la santé et la dictature de la beauté, ainsi que les aspects ethniques et raciaux couverts par l'enquête. Le travail développé montre que les préjugés adoptés dans cette recherche peuvent apporter des résultats positifs à la société, tout en permettant des débats similaires dans des espaces non formels et en classe, par la communauté académique.

Mots-clés: chimie capillaire; roue de conversation; enseignement de la chimie; empowerment noir.

RONDAS DE CONVERSACIONES EN ESPACIOS NO FORMA: LA QUÍMICA DEL CABELLO Y EL EMPODERAMIENTO NEGRO EN LA ENSEÑANZA DE LA QUÍMICA

Resumen: Este artículo trae discusiones sobre un tema social y químico, el principal objetivo fue utilizar el tema "química capilar" como orientador, a fin de abordarlo fuera de la academia, y con ello, levantar discusiones relativas al cotidiano ya las perspectivas sociales. Se realizó una intervención en el evento denominado EncresKids, teniendo la rueda de conversación como instrumento metodológico de la investigación. Los datos obtenidos fueron transcritos y analizados a través del análisis textual discursivo (ATD). A partir de los resultados, se obtuvo un texto que abordaba el alisamiento y química capilar, salud y la dictadura de la belleza, además de aspectos étnico-raciales cubiertos en la investigación. El trabajo desarrollado infiere que los sesgos adoptados en esta investigación pueden traer resultados positivos para la sociedad, así como permitir que debates similares sean proferidos en espacios no formales y dentro del aula, por la comunidad académica.

Palabras-clave: química capilar; rondas de conversaciones; enseñanza de química, empoderamiento negro.

APRESENTAÇÃO

Um dos desafios ainda presentes no processo educacional está em realizar interlocuções entre o cotidiano e o conhecimento acadêmico. Sendo assim, buscando trazer novas perspectivas para o âmbito educacional, esta pesquisa aborda o uso de roda de conversa como recurso metodológico para o ensino da Química em espaços não formais. Para tal, foi utilizado a química capilar como tema central, uma vez que, por ser um tema emergente, permite não apenas tratar do conhecimento científico, mas também de aspectos sociais que englobam, nesse caso, o racismo, a identidade e ditaduras sociais impostas e formadas ao longo do tempo.

O ambiente escolar é o primeiro contato social, além do familiar, de um indivíduo. E é também na escola, que muitas vezes, a criança negra vivencia suas experiências de racismo e segregação, onde já começam a experimentar as relações sociais e os estigmas relacionados à estética negra, cabelo, pele e diversos traços étnicos. Geralmente, os meninos tendem a ter seus cabelos raspados e as meninas são



submetidas a procedimentos que “disciplinarão” seus cabelos, como afirmado por (Gomes, 2002, p.43) que “as experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo”.

Em relação ao tema estética negra percebe-se, também segundo Gomes (2002), que as múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola.

Todavia entende-se que, muitas vezes, a justificativa utilizada para optar pelo alisamento tem relação com as dificuldades para pentear, e até mesmo pelo fato da aceitação das formas desse cabelo ser difícil e gerar o desconforto em ambientes como escola, família, além do mercado formal que retira tais características do quadro de “boa aparência” pré-determinado (Oliveira, 2015).

O que está implícito na estética capilar é bem mais do que se pode perceber, sobre isso Gomes (2001, p.7), afirma que “o cabelo é, um corpo social, uma forma de expressão e linguagem”.

A pesquisa desenvolvida traz uma inquietação, principalmente pela sua característica antropológica e social, muito comum em pesquisas da área de Ciências Humanas, mas com poucas abordagens em Ciências Exatas.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi abordar o tema química capilar em espaços não formais, através de roda de conversa, e com isto, agregar o conhecimento químico às questões sociais para o empoderamento do público alvo através do conhecimento científico. A educação em espaços não formais busca dentre muitos aspectos a popularização científica de certos temas, sendo assim, a busca por uma pesquisa com esse direcionamento tem não somente o objetivo de informar, mas também de resgatar ou disseminar conhecimentos importantes para o seu cotidiano.

Para o público, sujeitos da pesquisa, a que se direciona esse trabalho existe uma forte importância da retomada de um assunto que é pouco debatido em sala de aula durante os anos da Educação Básica, pois muitas experiências vivenciadas durante a fase escolar são determinantes para o desenvolvimento do sujeito. Assim, situações de racismo e discriminação são frequentes, porém não debatidas, gerando silenciamento por parte da escola.



Diante disto, pode-se perguntar: que universo é este, com tanto potencial para desmistificar conceitos e ideologias, mas que não usa de seu poder para tornar temas emergentes assuntos rotineiros na formação do educando? A descolonização dos currículos se apresenta como um processo favorável e necessário para a educação

descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. (Gomes, 2012, P 102; Ribeiro, 2017).

O silenciamento de tais questões acaba não só gerando a imparcialidade, mas levando ao sentimento de não pertencimento a esse local por todos frequentados. A discriminação racial se faz presente como fator de seletividade na instituição escolar, sendo o silêncio um dos rituais pedagógicos por meio do qual ela se expressa. Não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade. É preciso colocá-lo no contexto do racismo ambíguo³ brasileiro e do mito da democracia racial e sua expressão na realidade social e escolar.

Enquanto o apagamento de tais temas ocorre, os educandos, sobretudo negros, saem da escola com a percepção distorcida de sua história, seu lugar e seu espaço na sociedade. Nesse ponto a dinâmica de extensão do conhecimento científico a espaços diferenciados e intervenções que possibilitem discussões a fim de modificar essa perspectiva são de extrema relevância para o empoderamento negro e a inserção desse grupo marginalizado a sociedade.

Ao destacar o empoderamento utilizo o sentido de liberdade e autonomia, na expressão de suas vontades e de suas ideologias, como definido

“[...] empoderamento é quase sinônimo de autonomia, na medida em que se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras.” (Horochovski, 2006, p.1)

³ O conceito racismo ambíguo tem relação com o fato do racismo no Brasil se afirmar através da negação, pois apesar da alegação de não existência do preconceito racial, pesquisas demonstram que as relações cotidianas são afetadas pela discriminação e desigualdade em relação a outras etnias.. Da mesma forma, o mito da democracia racial se respalda nesse contexto, onde se reafirma que não havendo preconceito, não há discriminação no país. (Gomes, 2001).



REFERENCIAL TEÓRICO

A ideia central desta pesquisa se motivou por denominar o que seria a educação no âmbito não formal, para tanto é importante destacar o que seria de forma literal esse termo de acordo com a literatura. Dessa forma:

A educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações. (Gohn, 2008, p.98)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece sobre a Educação, em seu artigo 1º, que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Brasil, 1996).

A partir desses conceitos observa-se que a educação vai bem além dos muros da escola, porém, a sociedade acaba deixando essa responsabilidade somente dentro da organização escolar. Como formar uma/um cidadã/o participativo e gerar uma educação para a cidadania sem que os atributos de uma educação cidadã estejam sendo sempre estabelecidos?

A educação escolar é definida como educação formal. (Gonh, 2008, p. 98) “a educação escolar, formal, oficial, desenvolvida nas escolas, ministrada por entidades públicas ou privadas, é abordada como uma das formas de educação”. A afirmação destaca um modelo de educação, mas é importante que não seja considerado como o único viável para a formação dos educandos.

Dentro desse contexto muitos autores destacam a existência de outras modalidades de educação que coexistem, são fundamentais e completam-se. As citadas aqui são formal, não formal e informal que estão associadas e não extinguem as modalidades.

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação (Gadotti, 2005, p.2).



Em contrapartida a esta, a educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de progressão. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GONH 2008, p. 94).

Outros autores acreditam estar interligadas, pois se completam, como demonstram Bianconni e Vieira (2007), trazendo a relação entre processos que são espontâneos para a educação decorrente do direito da cidadania, a escola como um espaço pré-determinado, diferentemente, da informal ou não formal, que provém de processos não previsíveis e que são relativos de acordo com as experiências de cada indivíduo, gerando complementação entre as mesmas.

Os conceitos sobre educação formal se aproximam e destacam a formalidade, porém a educação não formal destoa em alguns pontos, mas a maior variável seriam as definições do espaço em que tais educações ocorrem, depois de uma vasta explanação define-se superficialmente o que seria a diferença entre espaços formais e não formais de educação

de forma sintética, pode-se dizer que os espaços formais de Educação referem-se a Instituições Educacionais, enquanto que os espaços não-formais relacionam-se com Instituições cuja função básica não é a Educação formal e com lugares não institucionalizados (Jacobucci, 2008, p.57).

Para Gadotti (2005) e Gohn (2008), a educação não formal vai muito além de espaços determinados de educação, sendo múltiplos, como bairro, associações, organização que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas e sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações Não-Governamentais (ONGs), nos espaços culturais e nas próprias escolas em seus espaços interativos com a comunidade educativa.

Cabe salientar que os conceitos acima não eximem a responsabilidade da modalidade não formal da intencionalidade, planejamento e estruturação, como muitas vezes se entende.

Nesta pesquisa foi adotado o conceito de Gohn (2008) como norteador, pois se compreende que qualquer espaço pode ser utilizado, desde que intencionalmente, para a educação não formal.



Considerando o que foi proposto, foi realizado um levantamento dos trabalhos que vem sendo realizados em dois eventos de grande porte na área de Ensino de química, na linha de espaços não formais de educação. Os dois eventos⁴ escolhidos para análise foram: Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ) em suas últimas cinco edições, e o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) também nas últimas cinco edições. Foram consultados os Anais destes eventos. A escolha se deve ao direcionamento em Química e Ciências, a fim de demonstrar pesquisas que ocorrem em Espaços Não Formais de Educação (ENFE) relacionadas a estas áreas do conhecimento.

A tabela 1 trás o quantitativo de trabalhos apresentados no evento ENEQ e ENPEC, indicando que tem ocorrido uma relativa diminuição em pesquisas que abordam tal tema, além disso, pouco se aborda sobre a extensão desses trabalhos ao público em geral, fora das salas de aula ou formação profissional.

Tabela 1. Trabalhos sobre ENFE em eventos de Ensino em Ciências

Anos	ENEQ					ENPEC				
	2008	2010	2012	2014	2016	2007	2009	2011	2013	2015
Total de Trabalhos na Linha Espaços não formais.	23	17	28	20	65	16	49	70	57	69
Total de trabalhos em todo o evento.	462	523	867	1403	1602	669	799	1235	1526	1768
Percentual de trabalhos em espaços não formais	5,0	3,3	3,2	1,4	4,0	2,4	6,2	5,7	3,7	3,9

⁴ Os dois links aqui disponibilizados fornecem informações atuais sobre os dois eventos, ENEQ e ENPEC organizados respectivamente pela divisão de Ensino da Sociedade Brasileira de Química (SBQ) e pela Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de Ciências (ABRAPEC).

ENEQ – Disponível em <<http://www.eneq2016.ufsc.br/index.php/o-evento/apresentacao>>. Acessado em: 04/12/2017.

ENPEC – Disponível em <<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/>>. Acessado em: 04/12/2017.



(%)										
-----	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Autores.

Foi possível observar a diminuição de trabalhos em ENFE e que dos existentes, poucos buscam como público alvo um grupo que está fora do ambiente escolar, no sentido de mesmo sendo espaço não formal, no geral direcionam grupos escolares para visitas e interações.

Como exemplo dos trabalhos citados acima, o intitulado “Educação química na estação de tratamento de água: uma práxis pedagógica no ensino médio público com enfoque CTSA”, aborda o ensino fora do âmbito escolar, porém com turmas regulares do ensino médio; ou este “Museu itinerante de química: um espaço de discussão sobre alfabetização científica no ensino de química.” que tem uma ótima proposta, porém só abrange o público escolar.

A busca foi realizada pensando em trabalhos que mais se relacionavam com a Química, e a procura por grupos além da escola para trabalhar temas importantes para o desenvolvimento do cidadão e compreensão de temas cotidianos pouco abordados durante os anos de formação no ambiente escolar. Percebe-se com os dados que ainda existe a necessidade para um olhar extensivo, que busque ir além dos portões institucionais e agregar conhecimento científico ao público não formal.

Muitos autores destacam a importância de trazer temas relevantes para dentro de sala de aula, porém, quando o assunto é ENFE pouco se fala sobre abordagens que sejam pertinentes e que possam gerar interesse para o grupo que está fora da academia.

Com o objetivo de fundamentar a importância dos termos Química Capilar e Ensino de Química, no contexto de pesquisas realizadas e divulgadas, foram encontrados sete trabalhos que abordam o tema química capilar para o ensino, mas nenhum deles fora da escola, em ENFE. Tais palavras definidas como norteadoras, foram escolhidas a fim de que se obtivessem os resultados mais próximos aos termos chave desta pesquisa. O quadro 1 lista os trabalhos encontrados.

Quadro 1. Relação de pesquisas sobre o tema “química capilar”

Título: Alisamentos capilares: uma proposta para aulas de química do ensino médio Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/anaiseneq2012/article/view/7252/5029
Título: Alisamento Capilar: uma proposta interdisciplinar para o Ensino em Saúde e Ciências



Disponível em: http://docplayer.com.br/17499488-Alisamento-capilar-uma-proposta-interdisciplinar-para-o-ensino-em-saude-e-ciencias.html
Título: Análise de uma proposta didática sobre o tema Xampu em aulas de Química no Ensino Médio. Disponível em: http://www.nutes.ufri.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R1257-1.pdf
Título: Sou linda, maravilhosa, uso “ <i>progressiva</i> ” será? Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/anaiseneq2012/article/view/7946/5710
Título: Adaptação no método do peso da gota para determinação da tensão superficial: um método simplificado para a quantificação da cmc de surfactantes no ensino da química Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/qn/v27n3/20179.pdf
Título: A química da estética como temática no ensino de Química e na capacitação dos profissionais de beleza Disponível em; http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_arquivos/35/TDE-2011-03-31T152733Z-3103/Publico/KOHLER.%20RITA%20DE%20CASSIA%20OLIVEIRA.pdf
Título: Cabelos: uma Contextualização no Ensino de Química Disponível em: http://www.gpquae.icm.unicamp.br/pibidtextcabelos2013.pdf

Fonte: Autores.

É possível perceber quão importante são pesquisas que utilizem temas emergentes, tal como química capilar, abordando aspectos sociais, principalmente, como veículo de formação cidadã. Existe um grande movimento social da população com cabelos crespos e cacheados que vem se encontrando e buscando seu espaço, sem modificar suas características e nem se baseando em padrões. Estes movimentos gerados ao longo dos últimos anos estão contribuindo para a formação de uma discussão sobre uma estética negra, diferente da imposta.

Tais discussões não têm repercussão no ambiente acadêmico, o que é lamentável, pois, o resgate da cultura do negro cria modificações que contribuem para a sua aceitação na sociedade como são e não mais como indivíduos que se utilizam do padrão europeu para ganhar espaço. Ainda assim, isso não significa uma aceitação completa da sociedade.

O diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.

Com o intuito de instituir e facilitar o processo de democracia racial, em 2003, a Lei nº 9.394/96 passou a vigorar acrescida dos seguintes artigos: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro Brasileira.

§ 1ª - O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional,



resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2ª - Os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (Brasil, 2003).

A lei foi instituída, mas ainda hoje, passados mais de 10 anos, esta não é executada da maneira correta:

o sistema educacional brasileiro é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro – elementar, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, [...] constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características, do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. Tampouco na universidade brasileira o mundo negro-africano tem acesso [...]. Falar em identidade negra numa universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro-brasileiros (Nascimento, 1978, p. 95).

A citação antecede a lei, apesar disso, não se faz obsoleta. O objetivo da lei não se resume apenas em gerar a informação e conhecimento da História Africana, mas sim, que a partir desse passo inicie-se o processo de valorização do negro e amenização do embraquecimento cultural que permeia o sistema brasileiro de ensino. Porém, as falhas existentes acabam por inviabilizar o seu foco e postergam a atuação da mesma, assim como sua eficácia.

As falhas referem-se à situação de que a criação da lei foi necessária, mas não suficiente para a sua implementação e mudança do paradigma. Enquanto a obrigatoriedade da mesma não se estender aos programas de ensino, cursos de graduação, sobretudo os de licenciatura, das universidades públicas e privadas, a mudança se dará a passos lentos e retardados, visto que é fundamental que sejam formados professores qualificados, a fim de propagar uma educação antirracista e não eurocêntrica.

Entretanto, quando chegamos ao universo das Ciências Exatas existe maior resistência, do que em relação às Humanas, visto que, muitos alegam não haver o que acrescentar, ou até mesmo sentem como se houvesse um abismo e nenhum conteúdo



pode ter relação. Na Química, por exemplo, encontramos muitos temas repetidos, nada que saia de um espaço já explorado anteriormente. Em função disso, busca-se elucidar a importância de uma renovação e inserção do novo, que assim como esse trabalho, possam favorecer na transformação desse panorama, a fim de que estas temáticas não sejam esquecidas.

Poucas universidades apresentam estruturas que realmente auxiliem na eficácia da lei e pouco debatem sobre a mesma, muitos entram e saem sem ao menos saber que existe.

Um exemplo, que pode ser destacado, como diferencial, é a existência de um laboratório de experimentação em Química voltado diretamente para produção inclusiva, destacando o ensino de Química e se utiliza de relações étnico raciais para embasar suas práticas. Sobre esse projeto, suas linhas de pesquisa englobam: Necessidades Educativas especiais e necessidades formativas dos professores na perspectiva inclusiva; Ensino de Química e Cibercultura na Inclusão Escolar; Estudos da cultura afro-brasileira e o ensino de Química. Foi retirado um fragmento do texto escrito pela coordenadora do laboratório⁵.

Com o intuito de corroborar com a investigação nessa temática surge em 2009 o Coletivo Negro(a) CIATA do Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão – LPEQI – (<https://lpeqi.quimica.ufg.br/>) do Instituto de Química da Universidade Federal de Goiás (CIATA-LPEQI/UFG) que realiza investigações sobre as relações étnico-raciais na formação de professores de química e sobre a implementação da lei 10.639/03. LPEQI-CIATA advoga que uma das primeiras alternativas nessa direção deve ser a inserção, nos cursos de formação de professores de química e nas disciplinas de química oferecida aos outros cursos de graduação, de debates e discussões que privilegiem a relação entre a cultura e a educação. Para isso investimos na descolonização dos currículos de ciências por meio destes do descolamento epistêmico. (Benite et al. 2016, s.p.)

Os alunos já na graduação podem ter contato e se debruçar na compreensão dessa temática, aprender como se portar e até mesmo como discorrer uma aula com essa vertente.

Por fim, pode-se entender que existem diversos caminhos para a mudança na educação e, sobretudo, na descolonização dos currículos. Levanta-se essa discussão a fim de destacar que na educação sendo formal ou não formal, cabem novos olhares.

⁵ Link para acesso e mais informações sobre o laboratório: <https://lpeqi.quimica.ufg.br/>. Acessado em: 04/12/2017.



Tais assuntos têm mobilizado parte da sociedade, porém há falta do conhecimento científico. Daí, a importância de um olhar para pesquisas que adequem e colaborem com estes movimentos, em locais não institucionais, como ONGs, grupos, coletivos entre outros.

As considerações feitas elucidam a importância, assim como, a necessidade de pesquisadores que possam corroborar esses fenômenos sociais, retirando a comunidade acadêmica da redundância e gerando conhecimento científico à sociedade que se encontra fora desse universo.

METODOLOGIA

Este trabalho teve como proposta a utilização da roda de conversa para o Ensino da Química, considerando ENFE como locais de realização das mesmas. Para tanto, determinou-se que o tipo de pesquisa seria qualitativa, visto que seu objetivo foi interpretar a realidade investigada (Bauer; Gaskell, 2010).

Com o desenrolar da pesquisa e escolha do tema, surgiu o interesse de se trabalhar com grupos focais, pois ficou nítido que em ENFE muitos grupos formados em ONG's, ou movimentos sociais, têm como característica o interesse por assuntos pontuais. Buscou-se com esta técnica, entender, a partir das trocas nas discussões no grupo, conceitos, sentimentos como também atitudes, reações, de um modo específico que não seria possível captar através de outras técnicas como: a entrevista, questionário ou a observação. Por característica, um grupo focal faz parte de uma investigação qualitativa “comprometida com a abordagem metacientífica compreensivista” (Gondim, 2003, p.150) enquanto coleta de dados, e pode estar associada a outras técnicas, por exemplo, as entrevistas e a observação participante.

O que motivou essa escolha foi a particularidade que cada grupo poder fornecer diante das questões que os unem, pois muitos buscam um espaço para discutir situações pessoais que lhes são apresentadas, mas que não compartilhada em outros espaços em que frequentam:

A pesquisa com grupos focais permite o alcance de diferentes perspectivas de uma mesma questão, permite também a concepção de processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como a compreensão de práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalentes no trabalho com alguns indivíduos que compartilham traços em comum, relevantes para o estudo e investigação do problema em questão. (Lopes, 2014, p. 484)



Após a definição dos sujeitos da pesquisa, foi pensado o recurso metodológico para coletar informações dos mesmos. Dessa forma, optou-se pelas rodas de conversa, “que consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo” (Moura; Lima, 2014, p. 101). Estes autores ainda destacam que um dos objetivos das rodas de conversa é o de socialização dos saberes e implementação da troca de experiências, visto que, por meio de conversas e divulgação que são disseminados entre os participantes é possível promover a construção e a reconstrução de novos conhecimentos sobre o tema.

Definidos assim, o tipo de pesquisa, o critério para a escolha do grupo e a metodologia aplicada para coleta de dados, serão discutidas informações sobre o coletivo escolhido e o direcionamento do tema diante das expectativas dos mesmos.

A escolha do grupo teve como ponto primordial o interesse em comum, onde o foco de todos era o interesse no evento, nas peculiaridades, nos debates. O evento foi de um coletivo negro nomeado EncresCampos, voltado para a temática racial, trazendo pontos sobre racismo, autoestima, estética negra, entre outros que tem relação com a causa por eles debatida. O grupo milita em Campos dos Goytacazes (RJ).

Dessa forma, Gaskel (2002, p. 79) destaca que

[...] uma ‘esfera pública ideal’, já que se trata de ‘um debate aberto e acessível a todos [cujos] assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração e o debate se fundamenta em uma discussão racional’.

Segundo informações obtidas através de uma das organizadoras, a primeira formação do grupo, composto por Rita e Ana (nomes fictícios), deu início ao grupo no Facebook para tratar sobre cabelos “sem química”. O movimento existia, mas ainda não no interior do Rio, em Campos. O grupo nas redes sociais foi nomeado como Crespas e Cacheadas. Mudando seu nome posteriormente, em sua página atual o seguinte texto foi retirado⁶:

⁶Página do facebook do grupo EncresCampos: Disponível em <https://www.facebook.com/encresrjcampos/>. Acessado em: 04/12/2017.

Página do Evento Realizado: Disponível em <https://www.facebook.com/events/552672168249500/>. Acesso em 16-01-2017.



“Quem somos? Somos um grupo que busca autoafirmação, ressaltando a valorização do cabelo crespo e cacheado, recusando a ditadura do cabelo liso como padrão de beleza. Incentivamos a quebra de paradigmas estéticos, perpassando pelo combate a todas as formas de preconceito, através da transmissão de informação que proporcione reflexão. Além disso, incentivamos o trabalho de conscientização infantil - de modo que as mulheres e homens de amanhã tenham referências nas quais possam se reconhecer.”

O primeiro encontro foi pequeno para que grupo que se comunicava pela internet, se conhecesse. Assim foi definido o nome do grupo como EncresCampos, que teria reuniões presenciais frequentemente.

Houve um evento do grupo EncresCampos onde as pessoas foram para trocar ideias e dizer um pouco sobre a sua trajetória. A equipe se organizou para um evento maior, a “Marcha de mulheres negras”⁷, que ocorreu no Rio de Janeiro, além de promover outras edições do evento e consequente criação do EncresKids, que é direcionado para mães, pais, filhos entre outros participantes. Atualmente, além destes, frequentam escolas para falar sobre os temas debatidos no grupo, assim como eventos na região que os convidam para discutir as prerrogativas do racismo e o protagonismo negro em Campos.

Inicialmente foi feito o contato com o grupo a fim de entender qual era o foco do grupo e do evento, visto que se enquadrava com o foco da pesquisa foi definida uma data para o evento e o tema que seria tratado na intervenção.

Dessa forma, no dia 13 de novembro de 2016 foi realizada uma roda de conversa com 15 pessoas. Os participantes do evento tinham como foco o debate e o entendimento sobre etnia, racismo, cabelo, autoestima, logo variavam em outras características como: nível de instrução, gênero, profissão, entre outros aspectos. Por este motivo, buscou-se a linguagem mais apropriada para que pudessem compreender a temática.

O público alvo era diversificado, algumas mães que buscavam apoio e debates que auxiliariam a vida de seus filhos, crianças, variando de 1 ano a 15 anos que acompanhavam os pais, jovens entre 18 e 28 anos, alguns militantes organizadores do evento (homens e mulheres), em sua maioria com formação superior que variava de

⁷No link a seguir, informações sobre o evento e sua última edição em 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/marcha-das-mulheres-negras-a-marcha-que-faz-sentido-7941.html>> Acessado em: 04/12/2017.



curso, porém em geral da área de Ciências Sociais, Pedagogia e Psicologia que eram responsáveis pelos eventos do grupo.

Quando se pensa em espaços diferenciados de educação uma das etapas importante é entender que tipo de metodologia será efetivo para obtenção de resultados, para tanto é importante considerar o grupo e o tipo de conteúdo que será exposto no local.

A coleta de dados por meio da roda de conversa permite a interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa por ser uma espécie de entrevista de grupo, como o próprio nome sugere. Isso não significa que se trata de um processo diretivo e fechado em que se alternam perguntas e respostas, mas uma discussão focada em tópicos específicos na qual os participantes são incentivados a emitirem opiniões sobre o tema de interesse (Iervolino; Pelicioni, 2001).

Sendo assim, foram trazidos textos (quadros 2 e 3) com pequenas histórias nas quais eram descritas cenas do cotidiano e que em seu contexto eram discutidas situações relacionadas à estética capilar que englobavam cabelo crespo/cacheado, racismo e alisamento, a fim de iniciar as discussões e levantar as questões que seriam debatidas.

A cada texto lido buscava-se perceber qual era a compreensão dos participantes, quais as experiências já haviam vivido em relação ao tema ali proposto, e saber como as pessoas se expressam a partir da colocação proposta na narrativa.

TEXTOS UTILIZADOS NA RODA DE CONVERSA

Quadro 2. Texto 1 - Conversa entre amigas

Duas professoras se encontram no corredor da escola e conversam sobre o final de semana. Ambas saíram. Foram a lugares distintos. Uma foi a uma festa de casamento que obrigava o uso de “traje social”. A outra professora tinha ido ao clube com os filhos. Tomou muito sol, banho de piscina e “uma cervejinha para refrescar”. As amigas iniciaram um rápido diálogo sobre os programas de cada uma: – Você teve coragem de molhar seu cabelo na piscina? A colega que fora ao clube respondeu: – Em anos de sofrimento eu desenvolvi algumas estratégias. Prendi o cabelo bem apertado e depois que saí da piscina passei bastante gel para abaixar a juba. – E você? O que fez com seu cabelo? Ele está bem bonito! – Ah, fui ao salão de beleza e paguei bem caro por uma escova progressiva. Durante um bom tempo não vou mais precisar me preocupar. De repente, passa por ambas a supervisora da escola sorrindo e cumprimentando-as. As duas amigas retribuem o sorriso olhando para ela com admiração e um certo quê de inveja. Depois que ela entra na diretoria, comentam: – Que cabelo bom que ela tem, não é? Quem me dera ter um “cabelão” desses! A amiga concorda suspirando.

Cada uma segue para a sua sala de aula. As crianças acabaram de chegar e a diversidade étnica das classes da escola se apresenta num painel de rostos em tons de pele dégradé, da criança mais clara à mais escura. Os cabelos têm também texturas diversas. As assistentes, responsáveis pelo cuidar, que inclui dar banho e pentear, apelidaram algumas cabeças de “fuá”, provavelmente porque, para elas, esta palavra define o embaraço dos cabelos despenteados. Mas, na realidade, a palavra “fuá” apresenta



vários significados: intriga, fuxico, caspa, doença de pele produzida por piolhos, pó finíssimo que se desprende da pele arranhada... Estes significados não são positivos e reforçam pejorativa e negativamente a ideia de que as crianças afrodescendentes têm “cabelo ruim”. Outro chamamento preconceituoso utilizado por agentes escolares, educadores e até mesmo pelos próprios familiares das crianças é “cabelo pixaim”. A definição deprecia o cabelo crespo, “encarapinhado” (tipo carapinha), característico dos negros, pelo fato de não ser naturalmente liso. Porém, essas pessoas desconhecem que, no Brasil, o emprego desses termos pode ser considerado racista e, portanto, criminoso. Sem saber, as duas professoras repetem, em suas salas, as mesmas ações. Passam a mão na cabeça das meninas mais branquinhas, porque elas têm um “cabelão lindo”, nunca precisarão de escova progressiva nem de gel em excesso. As crianças negras e mestiças observam, sem fala, o carinho demonstrado pela “tia” àquela criança. Talvez estejam ansiosas, esperando a sua vez de receber carinho semelhante, mas ele não ocorre. Durante as reuniões pedagógicas, ambas as professoras afirmam não existir preconceito na escola, pois não conseguem captar esses sinais subjetivos e não menos relevantes. Nenhuma das duas acaricia as “cabeças fuás”, porque ninguém passa a mão em “cabelo ruim”. O curioso é que as professoras nem se dão conta de que não estão tratando as crianças com igualdade. Para complementar esse padrão comportamental, mães, tias e avós cederão – para facilitar sua vida (e a das meninas) – aos apelos dos alisantes anunciados na TV e sonharão com os cabelos das modelos que são capa de revistas. Todas elas têm cabelo liso. “Cabelo bom.”

Quadro 3. Texto 2 – Mãe Indignada

Durante o café, o educador e psicólogo Jonas é rodeado pelas mulheres. Acostumado a receber olhares de espanto, admiração e crítica, observa a cena enquanto recorda seu passado recente. Para ser contratado como estagiário numa escola particular, Jonas foi obrigado a rapar a cabeça. Depois dos três meses de experiência, ele foi demitido sob a alegação de não ter “o perfil” desejado pela instituição. Ficou careca por um tempo, até se dar conta de que sua cabeça rapada escondia parte importante de sua identidade, ou seja, do seu auto-reconhecer: o seu cabelo crespo e duro, de que ele aprendera a gostar quando era pequeno. Este aprendizado foi recebido de sua mãe, que sempre elogiava o filho passando a mão, carinhosamente, no seu cabelo que, embora para as pessoas que o olhassem aparentasse ser duro e, por isso, áspero como “palha de aço”, era, na realidade, como ainda é, macio, suave. Se alguma professora ameaçasse cortar seu cabelo, era briga na certa. Sua mãe ia à escola e conversava com ela explicando que o cabelo era bem tratado e não deveria ser cortado sem prévia autorização. Em suas recordações, Jonas lembrou que um dia uma inspetora de alunos decidiu cortar o seu cabelo alegando que ele tinha “piolho”. Jonas tinha 7 anos e não conseguiu reagir, apenas chorou. Quando a sua mãe foi buscá-lo na escola e viu o que havia acontecido, ela não entrou no estabelecimento. Foi direto à Secretaria da Educação, um prédio grande e bonito, denunciar a inspetora e a escola “por preconceito”. A funcionária da Secretaria telefonou para a escola e ouviu como justificativa dada pela direção que havia “um surto de piolhos” entre os alunos e a melhor coisa a fazer era cortar o cabelo dos “suspeitos”. Dona Vera, mãe de Jonas, estava impaciente, posicionada em frente da funcionária, que falava ao telefone emitindo sons “Ahn-han”, ao mesmo tempo que acenava a cabeça afirmativamente. Ao desligar, a moça explicou o que ouvira da diretora da escola e acabou ouvindo muito mais da mãe de Jonas. A coisa foi tão grave que até o chefe do gabinete do secretário foi ver o que estava acontecendo. Quem era aquela mulher que gritava pedindo respeito? Jonas assistia a tudo olhando para cima, vendo aquelas pessoas adultas nervosas por causa do cabelo dele. Foi quando o homem de óculos se apresentou como “assessor do secretário”, pedindo calma. Ele olhou para a carequinha de Jonas e disse: – O corte fi cou bem, ele está parecendo o Pelé. Foi o suficiente para dona Vera gritar mais alto: – Pelé? O pai dele não tem nada a ver com o Pelé! – e continuou: – A escola não pode agir dessa forma. Os pais devem ser chamados e, no caso dele, que nunca teve piolho, está na cara que foi preconceito. A palavra “pre-con-cei-to” soou como uma bomba, e os dois, a funcionária e o assessor, começaram a falar ao mesmo tempo: – Não, não existe isso no Brasil, se aqui fosse os Estados Unidos ou a África do Sul, sim, mas aqui todo mundo é igual. Dona Vera rebateu: – Se todo mundo é igual, por que só cortaram o cabelo do meu fi lho? Por que não cortaram o cabelo das outras crianças? Sem resposta, o assessor pediu à jovem secretária para ligar novamente para a escola e ele mesmo conversou com a diretora. Dona Vera ficou novamente aguardando e ouvindo parcialmente a ligação. Jonas também prestava atenção e gostou quando o assessor disse: – Que isso nunca mais se repita! Se houver surto de piolho na escola, os pais devem ser orientados a cortar ou tratar os cabelos dos fi lhos. A escola não é salão de beleza nem barbearia. Não tem de cortar o cabelo de nenhuma criança. Espero que vocês providenciem um pedido formal de desculpas a esta senhora, é uma ordem



do secretário de Educação. Dona Vera parecia flutuar. Jonas ficou ainda mais feliz quando sua mãe parou numa lanchonete do centro da cidade e lhe comprou um cachorro- quente e uma Coca-cola. Foi um dia inesquecível, mas o dia seguinte seria ainda mais surpreendente. De manhã cedo, quando Jonas chegou à escola acompanhado de sua mãe, a diretora e a inspetora estavam na entrada e ambas pediram desculpas a dona Vera e a ele. A diretora ainda lhe deu um presente, uma bola de futebol, dizendo: – Tomara que quando você crescer você jogue bola igual ao Pelé. Atenta à situação, dona Vera emendou: – Isso se ele quiser ser jogador de futebol. Mas acho que o meu filho poderá ter outra profissão, depois que terminar a universidade. A diretora e a inspetora olharam para a mãe de Jonas com um olhar surpreso, como se questionassem: “Ele não quer ser jogador de futebol?”, “Universidade?”.

Como o foco do grupo era empoderamento e tinha como preceito a não discriminação dos métodos optados pelos participantes para sua estética capilar, o objetivo da roda não foi falar diretamente sobre alisamento capilar, mas sim, com o surgimento do assunto durante a conversa ressaltar as possíveis consequências que gerariam em crianças, por exemplo, a utilização de alisamentos e também valorizar a opção pelo cabelo natural, sem processos químicos de modificação da estrutura.

Durante a roda destacaram seu processo de aceitação do cabelo e as situações constrangedoras e até mesmo abusivas envolvendo suas escolhas, por parte da família, trabalho, amigos.

A maior parte da roda foi gravada, porém os participantes sentiram-se desconfortáveis para falar sobre o assunto diante da mesma, logo, algumas falas foram obtidas e anotadas em momentos de descontração em que não estava sendo feita a filmagem, onde perguntaram e falaram sobre alguns danos já gerados devido ao excesso de alisamento, sobre a modificação da estrutura capilar após alguns processos, além de procedimentos que auxiliam na manutenção do cabelo natural.

ANÁLISE DE DADOS

Para análise dos resultados obtidos na roda de conversa, inicialmente, foi feita a transcrição das falas obtidas, algumas não foram gravadas, foram anotadas e também incluídas, destacando as mais relevantes, pois muitas pessoas se comunicavam juntas, logo foram selecionadas as que se relacionavam com o tema.

As falas foram tratadas através da Análise Textual Discursiva (ATD), que propõe "descrever e interpretar alguns dos sentidos que a leitura de um conjunto de textos pode suscitar" (Moraes; Galiazzi, 2007, p. 14). Podem-se fazer diversas



interpretações de uma mesma leitura de forma que esta abordagem permite que cada leitor apresente uma visão, de acordo com o conhecimento por ele dominado.

Desse modo, a ATD pode ser compreendida "como um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação a determinado objetos de estudo, a partir de materiais textuais referentes a esses fenômenos." (Moraes; Galiazzi, 2007, p. 45).

Com isso, obteve-se a percepção mais aprofundada sobre os dados coletados e qual a dimensão que pode ser atribuída aos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico são trazidos os resultados obtidos na roda de conversa que trarão narrativas sobre estética capilar, química do cabelo, aspectos químicos, autoestima, aceitação entre outros temas sociais que se misturam, nesse contexto, aos químicos.

Diante das câmeras as menções à Química pareciam deixá-los desconfortáveis e gerava silenciamento, mostrando a falta de interação com a temática ou mesmo conhecimento.

No início da roda foi feita uma abordagem sobre o contato das crianças com as escolas e como esse ambiente pode ser devastador para a visibilidade da criança.

Os temas químicos ficaram um tanto dispersos, foi possível perceber que muitos relacionam a Química apenas como a utilização de produtos de transformação capilar, não compreendendo que o "cabelo natural" como se referem, também possui seus aspectos químicos.

O termo "química" ficou popularizado como a utilização de produtos de alisamento, sobretudo, os métodos definitivos. A ATD permitiu que, após as transcrições, fossem definidas as seguintes categorias:

Categoria A - Alisamento, saúde, transição capilar e conceitos químicos. Dessa forma se encontram, aqui, os aspectos que tenham mais relação entre os termos destacados, com a desmontagem do texto, onde se fragmentaram partes e uniram-se a fim de formar as categorias.

Categoria B - Estética Negra, aceitação e autoestima. Esse tópico surgiu devido aos relatos trazidos pelos participantes da roda.



Para facilitar o entendimento foram criados códigos para identificar os participantes. A letra P define o primeiro símbolo, identificando como participante, seguido do número para que não se repita, após a Letra A ou B definem a categoria a que pertencem e por fim caso o mesmo participante fale mais de uma vez na mesma categoria será atribuído um número a sua fala. As falas da pesquisadora são identificadas pela sigla E.

Exemplo: P.1.A.2 – Significa que o participante 1 teve uma fala referente a categoria A e falou mais de uma vez sobre o mesmo tema. Dessa forma iniciou-se a produção de um metatexto tratando das temáticas trazidas nas categorias, já que estão interligadas e se encontram em diversos momentos.

METATEXTO – A DITADURA DA BELEZA E OS CONCEITOS QUÍMICOS: ALISAMENTO, SAÚDE E TRANSIÇÃO CAPILAR

Aproximadamente 60% da população brasileira apresentam cabelo afro-étnico ou extremamente encaracolado. Inicia-se esse texto com uma reportagem antiga, a primeira inclusive direcionada ao público negro:

Uma invenção maravilhosa! O cabelisador. Alisa o cabelo mais crespo sem dor. Uma causa que até agora parecia impossível e que constituía o sonho dourado de milhares e milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutável. Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso? (O Clarim d'Alvorada, n.16, 1935; apud. Lopes, [2002?], p. 82).

A propaganda citada foi feita em 1935, apesar de tantos anos se faz atual e traz em si uma ideia: a ditadura da beleza. A necessidade de ser algo diferente para enquadrar-se em padrões já vem sendo há muito tempo imposta. Dentro desse contexto o entendimento das situações que englobam essa dinâmica e os aspectos referentes a essa padronização são de relevância social.

A leitura do texto 2, “Mãe Indignada”, trouxe a estória de um menino que teve seu cabelo cortado pela funcionária da escola; por seu cabelo ser crespo foi o primeiro a ser considerado foco de uma epidemia de piolho na instituição. Tentaram amenizar o acontecimento dizendo que ficou até bonito o corte, estava parecendo o Pelé e sua mãe



retrucou dizendo que ele não precisava ser um jogador de futebol, se não quisesse, que poderia fazer uma faculdade. E os presentes se entreolharam.

E: Vivenciaram situações cotidianas de segregação pelo cabelo ou algum aspecto estético?”

P.4. B A própria televisão mostra um pouco da segregação, nunca mostram o negro em posição de destaque sempre colocam como faxineiro, não que seja uma profissão desqualificada, mas não estão em cargos de destaque também. Sempre pra falar que existe racismo, mas em sentido ruim ou em uma posição abaixo gerando a sensação de querer ser igual ao branco e não que você tem potencial de ser igual

A mídia auxilia na veiculação da valorização de uma estética europeia, cabelos lisos, pele branca entre outros estereótipos. Na publicidade atual, em muitas propagandas do governo de projetos sociais como “Minha Casa, Minha Vida”, sendo visto como objeto de assistência, que parece não ter poder sobre o que acontece em sua vida (Oliveira, 2015, p.25).

Não obstante, essas mesmas propagandas trazem a imagem da beleza. O que é ser belo? E como faço pra ser? A capacidade crítica de avaliação dos malefícios que tais processos podem trazer não é estimulada. Esse é o objetivo do mercado.

O cabelo afro-étnico tem curvaturas estruturais muito maiores quando comparado com o caucasiano. Isso faz com que ele fique mais suscetível à manipulação mecânica, levando a um maior desgaste no ponto de curvatura, que pode acarretar danos irreversíveis (BEDIN, 2008, s.p.).

Os aspectos químicos estão distantes da realidade de quem se submete aos padrões da beleza, não existe conhecimento sobre os perigos, os resultados prejudiciais que são oriundos da prática do alisamento capilar.

O mercado de cosméticos cresceu bastante e a chegada do alisante revolucionou a maneira de como as mulheres passaram a alisar seus cabelos. Substituiu-se o ferro quente por um método que necessita de manutenção freqüente, a qual envolve cremes específicos, após sua aplicação. Cremes a base de soda cáustica e amônia, que nem sempre faziam bem a saúde daqueles que o utilizavam. A inserção destes produtos no mercado não traz a preocupação dos efeitos colaterais que estes podem trazer a saúde daqueles que fazem uso dos produtos, o importante é criar no indivíduo a necessidade do consumo e gerar a venda (Coutinho, 2011 p.10).



Relatos de abandono desse universo demonstram como é libertadora a aceitação. O processo de transição capilar ocorre quando uma pessoa que já utilizou alisamento permanente deseja não utilizá-lo mais e deixar seus cabelos com características próprias.

E – Como foi o processo de transição capilar de vocês?

P.4.A – Na verdade eu comecei a deixar meu cabelo natural agora, sempre usei química e todos ao redor, família, dizem que só fica bonito quando enrola o cabelo, quando alisa, arrepiado, com gel, arrumadinho. Desde que comecei a deixar crescer só ouço críticas, cabelo duro, cabelo ruim e depois eu conheci a galera do EncresCampos, amadureceu a vontade de deixar crescer, percebi que meu cabelo não é duro, é crespo e vou deixar crescer assim.

P.6.A – Assumi o cabelo crespo depois dos 18 anos, porque meu pai dizia que homem tinha que ter o cabelo raspado, curto, máquina 1, zero alta. Quando cheguei aos 18 deixei meu cabelo crescer e quando meu Black foi tomando forma, crescendo, aí foram gostando... “Que bonitinho, está “maneiro”, no estilo” aí já muda completamente, mas é uma resistência muito grande.

Durante muito tempo o cabelo crespo foi tratado como feio, estranho. Uma mulher que usasse seu cabelo natural era considerada como “desleixada”. Essa cultura foi alimentada com propagandas excessivas de produtos e tratamentos que prometiam um cabelo perfeito, sem frizz, ondas, volume, ou seja, características naturais de um cabelo crespo (Oliveira, 2015, p.28).

P.7.A – Já usei alisado, mas quis usar natural, só não tive coragem, depois resolvi deixar e fui aos poucos até que fiz o BC⁸.

A expressão “só não tive coragem”, nos leva a reflexão de quão opressivo se faz o sistema social a ponto de exigir coragem para aceitar-se sendo como é. “Cabelo de bombрил, esponja, piaçava, pucumã, cabelo ruim”. As mulheres de cabelos crespos crescem ouvindo expressões como essas, repetidas vezes, na maioria dos ambientes que frequentam, sejam eles públicos ou privados (Coutinho, 2010, p. 68).

Quando é levantada a pergunta sobre o conhecimento da estrutura capilar:

E – Conhecem a estrutura do cabelo de vocês?

Não houve interações com o tema, demonstrando o distanciamento sobre o assunto e desconhecimento. Nesta parte da roda, foram introduzidos alguns slides para

Uma segunda questão é levantada:

E – Até que ponto vale a pena danificarmos o cabelo de uma criança para que as outras pessoas tenham uma visão diferenciada dela, para que seja aceita?

⁸BC : Sigla em inglês que significa Big Chop ou Grande corte, que é o corte da parte com atuação de agentes químicos, deixando apenas o não alisado.



E novamente a reação é uma inércia total. Isto pode demonstrar que o tema pode por vezes ser negligenciado, e que simplesmente não são tratados, como se fosse verdade absoluta. Alisar sempre!

Quando se trata de propriedades físicas dos cabelos, falamos de resistência ao estiramento, elasticidade, poder hidrofílico e propriedades de superfície. As propriedades de tensão dos cabelos afro-étnicos indicam que ele possui baixa resistência à quebra quando comparado com o caucasiano (Bedin, 2008).

P.5.A.2 – Fiz um corte químico em minha filha, pois desde dos 7 anos que ela (a filha) já utilizava alisamento, fui passar uma escova inteligente que já tinha colocado, o cabelo dela começou a cair, já tinha feito corte químico no meu que também caiu por procedimentos feitos no beleza natural⁹. O cabelo só tinha uns 15 centímetros, eu cortei o dela. A família toda questionou, disseram que não podia. 10 meses de cabelo natural, mais 6 meses de trança, tirei e a família começou a dizer que o cabelo estava feio.

Os cabelos mais encaracolados ficam mais frágeis e mais propensos à quebra quando manipulados física ou quimicamente, especialmente quando falamos de escovas progressivas, que envolvem, além dos produtos, o calor como componente essencial do seu resultado, isso ocorre devido as curvas de sua estrutura. Essa característica também é o que confere a menor lubrificação ao fio, visto que dificultam a liberação dos lipídios para as pontas (Bedin, 2008).

Aqui se observa o desconhecimento sobre a incompatibilidade dos ativos, esses processos podem ocasionar ruptura total do fio, pois o cabelo fica frágil e poroso devido à perda de grande parte de sua estrutura e das proteínas existentes. Muitas escovas inteligentes possuem ativos de formaldeído e glutaraldeído em quantidades adequadas, mas com o cabelo tendo sofrido diversos processos anteriormente, não é possível a sustentação.

O processo de transição capilar foi descrito pela maioria dos que já não usavam mais alisamento e vem quase sempre de um contexto de difícil aceitação e medo da rejeição. Dessa forma, (Gomes, 2001, p.3), “mudar o cabelo pode significar sair do local de inferioridade que é destinado ao negro e desenvolver um sentimento de autonomia nas formas de usá-lo”.

⁹Salão de Beleza que utiliza como principal base o alisamento permanente com ativo Hidróxido metálico a fim de obter o alargamento dos cachos, mudando a estrutura.



Porém, a resistência ao estiramento, de ruptura ou solidez, ocorre em função do diâmetro do cabelo e das condições do córtex e é afetada negativamente pelos tratamentos químicos.

A utilização da trança como recurso da estética também é tratado por outro participante:

P.9.A.2 – Sou trancista, preciso trançar o cabelo de minhas clientes de madrugada, pois não conseguem ficar sem as tranças por se sentirem feias usando o cabelo delas.

“É possível verificar a relação que algumas mulheres estabelecem com as tranças: algumas retomam o seu uso, quando necessário para o fortalecimento do cabelo prejudicado pelos processos químicos” (Coutinho, 2011, p. 6-7). E ainda que outras o fazem para restabelecer a autoestima, visto que o uso das tranças também está relacionado ao sentimento de poder da mulher, que se sente mais valorizada com os cabelos compridos.

É importante salientar que nenhum dos participantes usou como motivação para não usar alisamento a questão da saúde, mostrando que não é feita a reflexão e a associação dos resultados com processos feitos e os efeitos que podem gerar a saúde. E mesmo com quedas e danos irreparáveis aos cabelos os consumidores se mantêm utilizando tais produtos e encontram muita resistência ao quererem sair desse local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou como o conhecimento científico pode trazer benefícios para a população, no sentido de possibilitar a percepção e atuar ativamente sobre suas escolhas independentemente das circunstâncias em que se apresentam. As discussões promovidas na roda de conversas possibilitaram a ratificação da chamada Pedagogia Libertadora, que tem como seu principal expoente o educador brasileiro Paulo Freire (Gadotti, 1999). Verificou-se que atividades utilizam de temas geradores trazem um diferencial para a aprendizagem, pois possibilitam discussões de cunho social, além disso, favorecer discussões que são situações vivenciadas no dia a dia.

Na área do ensino de Química, muitas vezes, não buscamos compreender, ou não temos o contato, com as necessidades do cotidiano social, visto que, na formação inicial do professor de química, de um modo geral, não há interação com a possibilidade de se trabalhar com um público fora de uma instituição escolar. Dessa forma, a busca de



temas como “alisamento capilar” ou “empoderamento negro”, apresenta ligações às demandas da atualidade, que hoje são trazidas pela sociedade. Uma das formas de veiculação de tais necessidades é aproveitada pelo mercado e são trazidas pela mídia que se sente pressionada a atender as expectativas dos consumidores através de produtos e comerciais que atinjam a todos.

Pode-se perceber que os participantes da pesquisa, ainda que distantes do tema, tiveram alguma visibilidade sobre a dimensão das questões relacionadas ao alisamento capilar na vida deles e dos que convivem. A temática de reprodução midiática e consumo não são restritos a esse grupo, sendo a população como um todo estimulada a consumir, principalmente quando se trata da vertente estética. Além deste, outros temas emergentes são de importância para a sociedade.

O assunto “química capilar” abordado adequou-se ao grupo escolhido, porém, existem questões estéticas de particularidades de outras etnias que podem ser abordadas dentro ou fora de sala de aula e que podem ser utilizadas pelo professor como fonte de diversos debates. Faz-se mister compreender que um professor em formação ou já em atuação precisa saber dinamizar um tema gerador e ter uma visão holística do que está inserido naquele contexto.

Por fim, percebem-se quão importantes são discussões como essas no universo acadêmico que por vezes propaga a cultura de silenciamento sobre temas inclusivos e que, por isso, cada vez mais distancia as classes marginalizadas de pertencerem a esse espaço. Em nossa concepção, enquanto pesquisadores, não basta apenas criar formas de ingresso no mundo da Academia, mas saber até que ponto este indivíduo pertencerá a esse universo e conseguirá diversificar de fato o ambiente com idéias, percepções e detalhamentos de sua visão de mundo.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos ao IFRJ, por fomentar o projeto de pesquisa desenvolvido, com bolsas PIBIC/PROCIÊNCIA.



REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 17-36.
- BRASIL. LDBEN. Lei nº 9394, 23 de dezembro de 1996. *Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil*, Brasília, DF. 1996.
- BEDIN, V. Escova progressiva e alisamentos. *Cosmetic&Toiletries*(Edição em Português) vol.20, n.2, p. 36, 2008.
- BENITE, A. M. C.; COSTA, K. G.; PEREIRA, M. C. Reinventando o Currículo nas ações do NEADI, LPEQI e LaGENTE. In: Marques, E. P. S.; Silva, W. S.. (Org.). *Educação, relações étnico-raciais e resistência: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas no Brasil*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016, v. 1.
- Cabelo Bom. Cabelo Ruim! – *Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola* – USP – vol. 4 - São Paulo, 2007. p. 11- 20. – Disponível em <<http://www.usp.br/neinb/wp-content/uploads/NEINB-USP-VOL-4.pdf>> Acesso em 16-01-2017.
- COUTINHO, C. L. R. A Estética e o Mercado Produtor - Consumidor de Beleza e Cultura. In: Simpósio Nacional de História, 24, 2011. São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo: ANPUH, jul. 2011. p. 5-17.
- _____. *A Estética dos Cabelos Crepos em Salvador*. Salvador: UNEB, 2010.
- GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- _____. A questão da educação formal/não-formal. Institutinternationaldesdroits de l'enfant (ide). *Droit à l'éducation: solution à touslesproblèmes ou problèmesanssolution? Sion (Suisse)*, 18 a 22 octobre 2005.
- GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64 – 89.
- GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 4.ed. São Paulo, Cortez, 2008.
- GOMES, N. L. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2. São Paulo: Ação Educativa, 2001.
- _____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 45-51, set./dez. 2002.
- _____. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, p. 98-109, 2012.



HOROCHOVSKI, R. R. Empoderamento: definições e aplicações. In: Encontro Anual da ANPOCS, 30, 2006. Caxambu, MG. *Anais do 30º Encontro Anual da ANPOCS*, Minas Gerais. ANPOCS. p. 1-29. 2006.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista Escola de Enfermagem*. USP, v. 35, n. 2, p.115-121, jun. 2001.

JACOBUCCI, D. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. *Em Extensão*. Uberlândia, v. 7, p. 55-66. 2008.

LOPES, B. E. M. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. *Revista Educação e Políticas em Debate* – v. 3, n.2 – ago./dez. 2014 p. 482-492.

LOPES, M. A. O. Imagens da Beleza Negra. *Revista Sintonia*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Venceslau, n. 1, ano 2, [2002?]. In: GOMES, Ana Paula Pereira. *O negro em propagandas televisivas de produtos de higiene e beleza: reformulações da imagem e transformações sociais*. Caxambu: Editora UFSCar, 2006. 12 p.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2007.

MOURA, F.A; LIMA, M. G. A REINVENÇÃO DA RODA: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

NASCIMENTO, A. D. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RIBEIRO, D. Decolonizar a educação é possível? A resposta é sim e ela aponta para a educação escolar quilombola, *Identidade!*, v. 22, n. 1, p. 42-56, 2017.

OLIVEIRA, G. S. “*Em terra de chapinha, quem tem cachos é rainha*”: A visibilidade dos cabelos afrodescendentes nas campanhas publicitárias de Dove e Garnier Fructis. Trabalho de conclusão de curso: Universidade de Brasília. 2015. 85 p. Brasília, 2015.

VIEIRA, V. e BIANCONI M. L. A importância do museu nacional da Universidade Federal DoRio de Janeiro para o ensino não-formal em ciências. *Ciências e cognição*, vol. 11 p. 21-36. 2007.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em janeiro de 2018